

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 11. Os *gadgets* na família

**Responsável NEL:** Viviana Berger

**Participantes:** María Eugenia Cardona, Fernando Schutt, María Hortensia Cárdenas, Mercedes Iglesias, Xóchitl Enriquez Carrola, Thamer Prieto

#### A ciência e o nome do pai

Como sempre durante a história da civilização as novas ferramentas que a revolução tecnológica cria, influenciam sobre as formas de relacionamento e produzem mutações no discurso social.

E evidente que a decadência do nome do pai e o avanço da tecno-ciência caminham de mãos dadas. Estamos diante de um novo estilo que não responde a hierarquia nem as leis da metáfora e da metonímia; e o objeto que comanda e empurra ao prazer; a promessa de felicidade via a obtenção de objetos aparece na forma da voz imperativa do *supereu*. Através do lema de “Tudo é possível” a ciência aspira a um mundo irreal, de que no falte nada.

Sem dúvida alguma, a sedução de um mundo inesgotável de virtualidades através de uma pantalha imaginável, exalta o carácter solitário, individualista e auto-erótico de uma forma de desfrutar – a qual dá pé a que as versões mais fatalistas anunciem a morte da família, augurando uma era que impõe a ruptura dos laços sociais. Não obstante – e este é o paradoxo – vivemos na era das comunicações, novas aplicações através de diminutos dispositivos tecnológicos nos mantêm sempre conectados com os outros e informados com respeito ao que está passando em qualquer parte do mundo em esta outra vertente, contrariando, os *gadgets* funcionam como objetos que causam o desejo e propiciam o laço.

A ordem simbólica implicava a vigência da palavra e sua consequência, a perda do objeto que, em tal caso logo se reencontrava através do fantasma, facilitador de uma recuperação daquele

prazer. Neste sentido, há que destacar a valiosa utilidade dos *gadgets* que permitem ter presente em um tempo imediato ao outro saudoso, funcionando por esta via ao serviço do desejo. A hipermodernidade opera sobre aquilo que há sido a família como tal y revela de maneira contundente o carácter ficcional dos laços familiares e sociais. Desta maneira nos encontramos com casais separados por problemas migratórios onde *o gadget* ocupa um lugar central para sustentar os vínculos afetivos. E o caso de um pai que por razões políticas teve que exilar-se muito longe de sua família, o que levou a “*criar*” uma forma de sustentar um vínculo diário com seus filhos através do Face Time (ajudando com as tarefas, cuidando quando a mãe tem que sair, brincando com eles), faz presença virtual tão “vívida” que os filhos acatam y respeitam tudo aquilo que o pai diz. Outro exemplo é com relação a guerrilha colombiana que, improvisando na selva uma espécie de rádio, permitiam as pessoas sequestradas escutar a voz e as mensagens que seus familiares enviavam para encorajar-lhes a manter-se com vida – e isto, efetivamente, funcionava assim –.

Mas, na medida em que o capitalismo e a tecno-ciência funcionam como nosso amo atual, o comando tem o prazer. Neste sentido, os *gadgets* oferecem várias opções para “fazer” ou processar o prazer, sem que se requeira passar pelo desejo. Não se trata de que o pai contemporâneo tenha desaparecido nem tenha deixado de saber – até, inclusive, pode ter conhecimento! o ponto é que se pode processar algo do prazer sem passar pelo pai, o que implica não ter que lidar necessariamente com o desfrute do Outro ou com os sinais do seu prazer. A pergunta que nos fazemos é: Até onde o *gadget* funciona sem o Outro? E em tal caso, diante de que tipo de Outro estamos, pois entendemos claramente que não é o pai do Édipo mas, tampouco, o puro prazer autista.

Através da ranhura que revela que o não-todo é possível, emerge o retorno trágico sintomático desse real impossível de nominar, onde os *gadgets* fazem sua melhor função, articulando-se com o real dos corpos, conformando sintomas novos em que confirma mais uma vez, desde os tempos de Freud que o desejo é indestrutível. Sempre há um ponto onde a coisa falha.

## A família a psicanalise

As casualidades nos empurram a direita e esquerda, e com elas construímos nosso destino, porque somos nos quem o trançamos como tal. Fazemos delas nosso destino porque falamos. Acreditamos que dizemos o que queremos ,mas dizemos o que querem os outros, más especificamente nossa família, que nos fala [...]. Nos falam e, devido a isso, fazemos das casualidades que nos empurrem algo tramado.<sup>1</sup>

Nesta perspectiva, a pergunta é: Se um sujeito advertiria do mero êxito de um experimento de laboratório. Se pode prescindir do falado, das marcas do banho de linguagem?

“Somos filhos do discurso” – dirá Lacan –.<sup>2</sup> O sujeito fala porque falaram com ele. E o que se fala no sujeito não é outra coisa que o desejo dos outros –isto é, a família. Será a partir das casualidades “que nos empurram a direita e esquerda” que o sujeito tramará logo, uma ficção que o resguardará do desamparo em que nasce, para dar um sentido ao semsentido da existência, constituir sus referencias e identificações.

Em “Coisas de família no inconsciente”, Miller diz:

A família, Tem sua origem no matrimonio? Não, a família tem sua origem no mal entendido, no desencontro ,na decepção, no abuso sexual ou no crime. ¿Acaso está formada pelo marido, a esposa, os filhos, etc.? Não, a família está formada pelo Nome do Pai, pelo desejo da mãe e os objetos a. ¿Estão unidos pelos laços legais, direitos, obrigações, etc.? Não, a família está especialmente unida por um segredo, está especialmente unida por um não dito [...] e um desejo não dito, e sempre um segredo sobre o prazer: do qual gozam o pai e a mãe”.<sup>3</sup>

Logo, será a relação que cada um estabelece com a brecha do que não se pode dizer.

Para que o mal entendido de *alíngua* que constitui o inconsciente se transmita, é necessário que “se reparta entre dois falantes que não falam a mesma língua e se completam para a

---

<sup>1</sup> Lacan, J., Joyce el síntoma. *El seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2006, p. 160.

<sup>2</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 19. ...o peor*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 230.

<sup>3</sup> Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la clínica lacaniana*. Barcelona: ELP-RBA, p. 341.

reprodução de um mal entendido”.<sup>4</sup> Que os dois falantes não falem a mesma língua implica, por um lado, um mal entendido do verbo, isto é, se trata de dois meio-dizeres inconscientes que se mal entendem e transmitem o impossível de dizer. Se a transmissão é de Um só sem fazer participar o Outro, não haverá mal entendido nem a impossibilidade de transmitir. Se não há esse “não dito”, esse segredo, impossível de dizer, desde que a brecha emergiria o sujeito? Lacan ensina que “todos somos adotados”, e também, que “todos somos órfãos”. Quem faz de pai e mãe? Longe da determinação biológica, respondemos que pai e mãe são aqueles que encarnam e cumprem essa função e se enlanzam aos significantes Nome do Pai / Desejo da Mãe; isto é, aqueles que adotam a criança em seu desejo por meio dos cuidados e lhes transmitem um desejo “que não seja anônimo”. Neste sentido, todos os pais finalmente, são pais adotivos.

Assim mesmo, essa criança deverá – ela também! – adotar esses pais, isso significa, reconhecer-se nesse desejo particularizado para ela, identificar-se nesses significantes, consentir a regulação do prazer a partir da qual a família procura organizar simbolicamente a sexualidade (a proibição do incesto, a lei no desejo a função de nomeação).

## **Os gadgets e os laços sócias**

### **a) Os gadgets**

Sem dúvida os *gadgets* produziram um novo laço social, construíram um novo discurso dado pelo vínculo social e o modo em que o sujeito se insere nele.

Por um lado, este discurso engendra todo tipo de instrumentos que, desde o ponto de vista que é o nosso, há que qualificar de gadgets. De agora em diante, e muito mais do que creem, todos vocês são **sujeitos de instrumentos** que, do microscópio a radiotelevisão, se converteram em elementos da sua existência. Na atualidade, não podem sequer medir seu alcance, mas nem por isso deixam de formar parte do que chamei o discurso científico, por tanto um discurso e o que determina uma forma de vínculo social.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Lacan, J., (1980) El malentendido. (Inédito).

<sup>5</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 20. Aun.* Buenos Aires: Paidós. 1991, p. 99.

Em “A terceira” Lacan afirma que ha um desbocamento do real. Isto implica, que o real já não se apresenta do mesmo modo. Com a Revolução Científica se inicia a intervenção sobre a natureza, para extrair dela um saber. Porem com a tecno-ciencia, o que temos não e só o conhecimento do real da natureza mas também a capacidade de criar novos “reais”. A tecno-ciencia e capaz de produzir objetos ou tecnologias que dão a ilusão de que não existe o impossível. Porem, nessa mesma medida que sucedem todas estas modificações, se abre um gap, una espécie de brecha, que faz com que cada um destes possíveis volte a apresentar imediatamente outro impossível ou um obstáculo que mostra que o real existe. Todos os sintomas contemporâneos mostram que o real se apresenta só que de outro modo -no ha maneira de obturar a falha.

Os *gadgets*, em tantos objetos, podem ser vistos com diferentes perspectivas:

1. Como já dizemos a sua existência produziu um novo laço social, neste sentido os *gadgets* construíram um novo discurso. Trata-se de um discurso que fusiona a lógica capitalista com a tecno-ciencia. Se um discurso está dado pelo vínculo social e o modo em que o sujeito se insere nele, os *gadgets* constituem um novo modo de vínculo. E, neste sentido, também se relacionam com a família por quanto se insere um novo laço entre seus membros que, obviamente, conserva o mesmo paradoxo: por um lado, as aplicações fazem possível uma comunicação e uma valiosa cotidianidade apesar das distancias que antes teria sido impossível, e pelo outro, localiza os atores como objetos de prazer, impossível de se perder o se ausentar para o Outro, vigiados por uma mirada absoluta capaz de rastrear os movimentos e deslocamentos em cada momento –para bem e para mal- afetando o direito a intimidade, Divino tesouro!, cada vez más difícil de preservar.

2. Pois bem, e inevitável se perguntar como o faz Miller, se os *gadgets* são capazes de substituir o objeto *a*. Miller detém que não ha naturalismo nos objetos *e* que isso e o que faz com que possa ser substituído por um objeto mecânico.<sup>6</sup> No *Seminário 17* Lacan fala das *letosas* que são o nome que tomam hoje as causas do desejo. Os *gadgets* podem ser objetos Plus de disfrutar e constituir uma satisfação autista, um Plus de prazer. Neste sentido, o *gadget* e o objeto *a* participam de um denominador comum, ambos colocariam um desfrute, se fosse o

---

<sup>6</sup> Solimano, M. L., Gadgets. *Scilicet. Los objetos a en la experiencia psicoanalítica*. Buenos Aires: Grama. 2007, p. 126.

exterior, se fosse o Outro ou outra modalidade.

3. Mas também sabemos com Lacan que o objeto *a*, apesar de que fosse percebido fora, está dentro e, e a verdadeira causa do desejo. E, aí nem sempre o *gadget* cumpre a função de causa. Podem fazer, quando constituem um modo de aceder ao desejo, quando o que traduz ou encarna o *gadget* e um prazer mediatizado com o Outro. Mas também o *gadget* pode funcionar como manto, como tampa, e aqui funciona como fascinação, o sujeito fica aprisionado e isto o impede aceder a si mesmo e ao Outro. O sujeito passa a ser ele mesmo um objeto, um objeto consumido pelo *gadget*.

### **b) Os *gadgets* na família**

Como viemos explicando, os objetos-*gadgets* podem modificar os modos de relação com a natureza, o corpo e a relação com o Outro. A família hoje se encontra não reunida, e sim dispersa, com má flexibilidade frente ao Nome do Pai. Em relação com a família, já sustentava Lacan que a criança, tem sempre uma função de resíduo.<sup>7</sup> Más além de ver a família como na ordem de acordo com as necessidades, a família implica uma relação com um desejo que não seja anónimo, mas para isso deve situar-se a criança como objeto. O lugar dos *gadgets* na família, depende do modo em que se instale este objeto.

“Somos filhos do discurso”, diz Lacan, que é a relação que cada um estabelece com a brecha do que não se pode dizer. Os discursos giram em torno ao real, mas para evitar. A brecha funciona como estrutura do real, produz ficções necessárias e uma delas é a família. Ficções que tentam bordear e ajustar o impossível lógico da não relação sexual, que funcionam de revestimento do real opaco ao sentido. Cada um tem sua própria construção delirante, não sobra outra. O discurso faz um laço, está feito de semblantes, e a família é o ponto de partida. Bassols nos faz lembrar em “Famulus”<sup>8</sup> que as famílias se reordenam hoje seguindo as derivas da não relação sexual e de uma economia de prazer que não se subordina a um significante em particular (como era antes), um significante, já seja do Nome do Pai ou qualquer outro que o queira substituir. Porque na economia do prazer, *um significante amo vale o mesmo que qualquer outro*, significantes amos de hoje que se intercambiam, não tanto desde o simbólico, e sim *de acordo com as condições do prazer*. E a partir desta economia do desfrute que se

---

<sup>7</sup> Lacan, J., Dos notas sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

<sup>8</sup> Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI Revista FAPOL online*. <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>

reordena a família y se facilitam as substitutas. Quer dizer, que temos que ver a família atual articulada pelo fantasma a medida ou pelos significantes amos que seriam condições de disfrute mais que ideais ou traços do mundo simbólico.

Se para que advenha um sujeito faz falta um vazio, um vazio entre Um e o Outro, a partir deste que o sujeito constrói uma ficção, uma novela, que lhe permite borderar o vazio de prazer que lhe constitui em tanto tal; ou se o *gadget* não tem a estrutura do diálogo e sim o de monólogo, se o *gadget* obstrui a separação necessária do prazer do corpo, então nos confrontamos com um sujeito em uma relação direta com seu disfrute, sem intermediação e uma modalidade de ficções constituídas de prazer.

Porem, apesar de que cada vez mais sujeitos vão aparecendo como filhos do discurso da ciência, podemos dizer que todo ser humano tem um pai e uma mãe. Por isso, Jacques-Alain Miller propõe falar de “parentetização”. Cito:

Ha uma escolha dos pais como ha uma escolha do sexo. O que conta a novela familiar, a novela dos pais e dos filhos, e como o sujeito foi separado do objeto primordial. Através de que traumatismos foi afetado de uma perda de vida e que significado surgiu para ele disso, que fantasma surgiu da proporção: P/M.<sup>9</sup>

Então, por um lado, os *gadgets em* família: os *gadgets* como objetos que causam o desejo, que articulam uma relação com o Outro a través de una ficção fantasmática, veiculando através da tecnologia um desejo e um discurso que fala sobre o sujeito. Por outro lado, o avance do prazer “*gadgeteando*” a família –pretendendo substituir o desejo da mãe e seus cuidados, ou operando como regulador do prazer que não encarna em um pai real–, Como será a operação que separa o sujeito do objeto primordial, dos objetos de seu corpo?

A prática lacaniana, tem de lidar com as consequências deste êxito sensacional. Consequências que são sentidas cômoda ordem da catástrofe. A ditadura do plus de desfrutar devasta a natureza, faz estalar o casamento, dispersa a família e modifica os corpos.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Miller, J.-A., *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Eolia-Paidós. 1997, p. 148.

<sup>10</sup> Miller, J.-A., Una fantasía. Revista *Lacanianana* N° 3. Publicación de la EOL. Buenos Aires. 2005.

Será questão de ver qual posição subjetiva, que prazer foi recuperado da *catástrofe* enquanto o analista mesmo se resguarda de funcionar como pai. Enquanto a aposta segue sendo a palavra, ao forçar a simbolização da experiência, o sujeito continuara encontrando ao pai no simbólico. Recordemos que para Lacan a única e verdadeira lei do pai e a língua mesma que, enquanto o sujeito fala, lhe proíbe o desfrute: o prazer está proibido para quem fala, e enquanto fala, se vê obrigado a passar pelo Outro.

### **A posição da psicanálise**

Referindo-se a tudo o que se propõe como a relação sexual, estabelecendo por meio de uma sorte de ficção que se chama matrimônio, a boa regra seria que o psicanalista falasse consigo mesmo sobre esse ponto: que se organizem como possam.<sup>11</sup>

Lacan, adverte que o psicanalista não deveria apontar para aliviar os dramas do casal se transformando em uma espécie de protetor dos encontros –posto que não ha relação sexual, não deve extraviar seu caminho–. Se trata, em todo caso, de que o analista não transforme a análise em uma máquina de proliferação das ficções, que ele mesmo não estimule nem se converta em uma ficção que cubra o não complemento dos sexos. Talvez indo em outra direção, se trate de que se construa um enlace possível com esse real que perturba: “Afinal de contas a ausência de relação sexual não impede manifestamente o enlace, muito pelo contrario lhe da condições”<sup>12</sup>

O *gadget*, como objeto *a*, e oposto a posição do analista, que também encarna o objeto *a*, mas para fazer emergir um desejo. O *gadget* permite uma relação mais vinculada com a recuperação de prazer (de acordo ao fantasma de cada um), com o dado a ver e desfrutar, mas sem querer saber; aponta a um rechaço do inconsciente e não ao questionamento da divisão subjetiva e, muito menos a aproximação ao prazer que habita em cada *parlêtre*.

O analista terá então, que produzir um duplo movimento: o do individuo do consumo al sujeito dividido, e o do universal do *gadget* a particularidade do objeto *a*, logrando não consistir o

---

<sup>11</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 19. ...o peor*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 18.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.19.



prazer do Outro para possibilitar alguma mediação que opere sobre a coalescência entre o objeto e o sujeito ao que empurra o capitalismo.

## **Bibliografía**

Lacan, J., *El seminario, libro 20. Aun*. Buenos Aires: Paidós. 1991.

Lacan, J., *El seminario, libro 19. ... o peor*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

Lacan, J., Joyce el síntoma. *El seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2006.

Lacan, J., Dos notas sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la clínica lacaniana*. Barcelona: ELP-RBA. 2006.

Miller, J.-A., Observaciones sobre padres y causas. *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Eolia-Paidós. 1997.

Miller, J.-A., Una fantasía. Revista *Lacanian* N° 3. Publicación de la EOL. Buenos Aires. 2005.

Bassols, M., Conferencia “Psicoanálisis, sujeto y neuro-ciencias”. Ciudad de México. [www.nel-mexico.org](http://www.nel-mexico.org)

Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI Revista FAPOL online*. [www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/](http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/)

Solimano, M. L., Gadgets. *Scilicet. Los objetos a en la experiencia psicoanalítica*. Buenos Aires: Grama. 2007, p. 126.



**Gadgets en familia**